

O IDEAL

ORGAN LITTERARIO

ANNO I

Florianopolis, 9 de Setembro de 1906.

NUM. 18

O IDEAL
LITTERARIO SEMANAL

Assignaturas

| CAPITAL | |
|----------------------|--------|
| Trimestre | 2\$000 |
| INTERIOR E ESTADOS | |
| Trimestre | 3\$000 |
| PAGAS ADIANTADAMENTE | |

REDAÇÃO

Rua 16 de Abril n. 20

Redactor—*Clementino Britto.*
Secretario—*Godofredo Oliveira.*
Thezoureiro—*Irineu Livramento*

Os originaes devem ser entregues até ter-
ça-feira de cada semana.

A redacção não se responsabilisa pelas
opiniões emittidas pelos seus collaboradores.

7 DE SETEMBRO

Já era tempo de dar á este pedaço da America fóros de nação; era tempo de livral-o da sucção da metropole que o tomava debilitado, anemico, quasi examine.

Assim pensando, José Bonifacio, o grande, guiado pelo amor patrio, incutio no animo do lugar-tenente de D. João VI no Brazil e futuro rei de Portugal, a idéa da emancipação, fazendo-lhe sentir que era azada a occasião para o grito de independencia:—que foi feita e recebeu no Ipiranga as aguas lustraes.

Entretanto, diz a nossa historia que antes haviam sido decapitados muitos brasileiros por darem guarida em seus fortes corações ás mesmas idéas; por desejarem apenas fazer o que fez D. Pedro I!

E' que um possuia sangue nobre e tanto bastava para que seu feito não encontrasse obices e os outros... soffriam de febre de patriotismo...

A'quelle a gloria, á este o patibulo. Em todo caso, para nós D. Pedro I é um grande;—é o fundador da nossa nacionalidade, e por isso credor do nosso eterno respeito e consideração e mais do que isto—do nosso amor!

Não se lhe podem attribuir os crimes praticados pelos de sua estirpe.

Libertou a nossa patria da tutela de Portugal e deu-lhe uma carta, fazendo dos antigos colonos—cidadãos com direitos e responsabilidades.

Mas, nem á todos aproveitou essa liberdade, pois, fingidos á vontade dos senhores, foram postos de parte como

vis e indignos, os negros, que, só 66 annos mais tarde, poderam contemplar o rosiclér d'essa aurora deslumbrante!

A escravidão tambem é um dos fructos damninhos, dos muitos que nos foram legados pela metropole:—essa coisa execranda, filha dos sentimentos perversos—é uma mancha para quem a levou a effeito.

Só corações de féra pódem abrigar sentimentos tão baixos, tão rasteiros.

Em boa hora foi ella debellada e hoje não existem mais categorias entre os filhos d'esta terra, muito embora, alguns chamem á si titulos de nobreza, que são uma irrisão na nossa forma de governo; mas, o tempo, que tudo destróe, hade, quando todo o brasileiro conhecer o A B C—podendo assim compenetrar-se da sua posição em face da lei, fazel-os declinar d'esses titulos e convir que o de—cidadão—é assás honroso, quando d'elle sabemos fazer uso.

Satisfeito, por mais um anno contar a nossa cara patria na sua independencia, descubro-me ante o agigantado factó que hoje relembramos e olho agradecido para as herculeas estaturas de—Pedro I e José Bonifacio.

XISTO XIMENES

PASTORINHA...

Na minh'alma amargurada
Vai travada a guerra irosa,
Dolorosa, que me mata,
D'insensata, atroz paixão.

Pastorinha, que conduzes
Teu rebanho aos verdes prados,
Onde os euros perfumados
Vão gemendo uma canção,
Deixa as tuas ovelhinhas,
—Branças como o branco leite,—
Da largueza no deleite...
Vem vêr a minha paixão.

Na minh'alma amargurada
Vai travada a guerra irosa
Dolorosa, que me mata,
D'insensata, atroz paixão.

Só por ti, pastora bella,
Pulsa, ardente, noite e dia,
N'uma esp'rança que inebria,
O meu pobre coração,
Que te adora e te supplica,
N'uma dôr desoladora:
—Pastorinha seductora,
Vem vêr a minha paixão.—

Na minh'alma amargurada
Vai travada a guerra irosa,
Dolorosa, que me mata,
D'insensata, atroz paixão.

Quando surge a madrugada,
Nas aneias da dôr insana,
Saio da minha cabana
Erguida na solidão,
E digo á brisa que passa,
P'ra te levar, sussurrante,
Minha supplica constante:
—Vem vêr a minha paixão!—

Na minh'alma amargurada
Vai travada a guerra irosa,
Dolorosa, que me mata,
D'insensata, atroz paixão.

Quando cáe a tarde triste,
Envolvendo em sombra o mundo,
Meu tormento é mais profundo,
Mais funda é minha afflicção,
E digo á sombra que tomba,
Triste, lugubre, pesada:
—Pastorinha idolatrada,
Vem vêr a minha paixão!—

Na minh'alma amargurada
Vai travada a guerra irosa,
Dolorosa, que me mata,
D'insensata, atroz paixão.

Quando á noite todos dormem,
Do repouso no abandono,
Eu não posso achar o somno,
Nem allivio ao coração,
E murmuro, soluçando,
A minha oração singela:
—Pastorinha doce e bella,
Vem vêr a minha paixão!—

Na minh'alma amargurada
Vai travada a guerra irosa,
Dolorosa, que me mata,
D'insensata, atroz paixão.

Mas ás minhas agonias,
Aos meus infindos tormentos,
Aos meus doridos lamentos,
A' minha triste afflicção,
Não attendes, e não queres
Ouvir o saudoso brado
Do meu penar malfadado...
Nem vêr a minha paixão!

Na minh'alma amargurada
Vai travada a guerra irosa,
Dolorosa, que me mata,
D'insensata, atroz paixão!

PANCRACIO DOS ANJOS

SILHUETA

V

SENHORITA B. H. S.

Ha muito que devia trazer para as columnas do sympathico «O Ideal», a silhueta dessa gentil senhorita, porém faltavam-me alguns dos seus traços e que só poude apanhal-os, por accaço, a semana passada.

Estatura regular, rosto claro, olhos grandes e castanhos.

Os cabellos crespos estão collocados n'uma cabeça esculptural digna do pincel de Victor Meirelles.

Tem os dentes alvissimos obturados à ouro.

E' diplomada pela Escola Normal e exerce com proficiencia o magisterio municipal em uma das freguezias da ilha.

E' oradora de uma sociedade feminil recentemente fundada.

Symphathica como a BEATRIZ immortalisada pelos versos e amor de Dante.

Collabora com assiduidade n'«O Ideal» occultando-se com o pseudonymo de «Nerina» rivalisando a sua penna adamastina com a do notavel poeta brasileiro SOUZA.

Gosta do militarismo e por isso dedicou todos os seus affectos a um guapo inferior do nosso exercito.

Lux

PERFIL

V

F. B. DE B.

Alto e sympathico é o joven de que nos occupamos hoje, na presente secção.

Claro, cabellos ruivos, bigode tambem ruivo, dentes alvos, rosto comprido, olhos azues e nariz grande.

Foi allumno do Gymnasio Catharinense, nos bellos tempos do saudoso «Pitada» e outros illustres lentes.

Actualmente pertence ao Exercito. Possui um coração leal e é amigo dedicado.

Poucas vezes é visto à pé, pois, quando a chuva transforma as nossas «bem calçadas» ruas em enormes poços, impossibilitando-o do passeio à «bicycletta», é visto em seu elegante cavallo em caminho da «Trindade», onde tem preso pelos laços do amor seu coração de moço.

Gostou da Rua de «São Francisco» (Deodoro) quando abi morava certa professora normalista, nossa talentosa collega, que n'«O Ideal», creio que collabora com o pseudonymo de «Nerina».

Embora calado, penso que prepara-se para, em breve realizar seu matrimonio.

E' muito serio; motivo porque é visto quasi sempre só, evitando, segundo o proverbio, ás ruins companhias.

Fux

DEUSAS E FADAS

Minhas patricias, amo-as, amo-as de todo o meu coração.

(Continuação)

Coração, abre os porticos dourados de teus templos, e deixa que por entre as marfinadas columnas de tuas arcarias roseas, em nuvens densas de inspiração, transitem essas confissões gentis, essas promessas fagueiras, emanadas d'aquellas boccas purissimos sacrarior de innocencia, mimosas producções do Creador. Deixa que pelas tuas naves ouriferas, resoem os canticos harmoniosos d'esses amores, os sons melodiosos d'esses idyllios.

Rostos divinaes, modelos de perfeição, tallados pelas mãos delicadas dos Anjos, para encanto da Suprema Omnipotencia, para ornarem, como perolas o throno glorioso do soberano do Mundo. Rostos de uma belleza rara, perfeitamente modelados, ora n'um pallido sidereo, ora n'um moreno encantador, velados por essas cabelleiras fartas que cahem, as vezes em pronunciadas ondulações de ébano, outras, em soberbas catadupas de ouro, pelas espaduas esculpturaes.

Quando a lua melancholica, do céu parece nos sorrir, como nos deleita e inspira a contemplação d'esses rostos de uma symphathia infinita, de uma belleza toda natural.

Como admiramos em sublime transportes de amor e ventura, quando ellas passam, ás sedosas tranças de ébano, as luzentes tranças de ouro, que a brisa timidamente agita em suaves e brandas ondulações.

Graciosas silhuetas de nymphas que o luar com seus lampejos de

ouro, claramente, nitidamente dezenha no sólo.

E ellas passam, passam, e as phrases amorosas succedem-se, succedem-se os sorrisos meigos, nos quaes transparece esse maravilhoso nectar divino suavizador das maguas da existencia humana—o amor.

E a alma e o coração sentem-se enlevados n'aquella suave atmosphera de amor, immersos naquellas ondas de olhares, n'aquellas catadupas de sorrisos, a delisarem serenas, serenas como nuvens em tardes calmosas de verão, pelo azul sem fim do firmamento.

E ama-se, ama-se loucamente, inexplicavelmente; a nympha que adoramos é o pharol que nos clareia a existencia. ella nos inspira, como á Tasso inspirou Eleonora...

Quando no silencio da noite, entre as paredes sombrias das alcovas, nossos olhos fecham-se, e nosso pensamento foge espavorido das illusões enganadoras d'essa existencia chimerica, e procura extasiar-se nas fagueiras regiões do Sonho, é Ella—aquella que nos segue como a sombra segue o corpo—, que nos vem embalar com seu sorriso meigo e delicado com seu olhar terno e apaixonado, é Ella que nos suavisa as maguas, que nos deleita a vida.

Então, nossa imaginação ardente, inspirada pelos sorrisos encantadores d'aquella bocca divina, expande-se loucamente, apaixonadamente descrevendo esses sonhos bellos, nos quaes Ella figura, como uma deusa vinda de ignotas paragens, aureolada por uma brilhante corôa de graça, de belleza, de encanto.

Desde então, nosso coração é um templo no qual veneramos, por entre roseas nuvens de esperanza, a imagem querida do anjo, que dirige o nosso destino, o nosso futuro.

SILVERIO MORENO

(Continúa)

DE LUCTO

Falleceu domingo ultimo a axma. sra. d. Thecla Nunes Pires joven esposa do sr. Agenor Nunes Pires e nora do nosso intelligente e dedicado collaborador sr. Horacio Nunes Pires aos quaes como aos demais parentes da extincta apresentamos os nossos pezames.

A verdadeira Religião

III

PARA A IRMÃO JOAQUIM

Creada por dedicados
Bemfeitores consagrados
Em pról dos que pedem pão
Esse Gremio abençoado
Já tem o nome gravado
Do povo, no coração.

Honra ao nome do gigante
Que tinha o nobre semblante
Dos heróes da Caridade!
—Era do pobre o bordão,
As creanças dava a mão,
Dava ás noites—claridade.

Era o forte Baluarte
O glorioso Estandarte
Da crença mais verdadeira
O nome Irmão Joaquim
Logo a fome dava fim
Na caridosa Bandeira.

E a nobre Sociedade
Erguida n'esta cidade,
Para os pobres soccorrer
Ha de honrar o grande nome
Que o tempo jámais consome
Nem pôde mesmo morrer.

Irmão Joaquim és a flôr
Que suavisa a dôr
Nos campos da Orphandade
Tu és a doce esperança
Que soccorres a creança
E's tambem a Caridade.

Roca

SECÇÃO CHARADISTICA

(CONCURSO DE SETEMBRO)

CHARADAS NOVISSIMAS

Duas vezes a variação é grande
arvore—1, 1.

Duas vezes a especie de tecido é
tinta—1, 1.

Celia

Na ilha nada tem a mulher—2, 1.

Tupy

Ao SYLVIO

A arvore da natal é arvore—3, 1.

E a segunda vez que a cidade
causa-me obstaculo—1, 2.

Raso quinhão? E' justo—1, 1.

Andiro

Ao DANTE

O rebento com a variação de um
pronome são chamados os filhos de
Coimbra—2, 1.

Ao G. DE BRUXELLAS

A immensidade com o Narciso ama-
rello de França formam esta ilha do
Brazil—1, 2.

Dr. Arrelia

Cidade, rio e povoação—2, 2
Adnon

APOCOPADA

3—Terra brasileira e serra portu-
gueza—2.

Jacy

ELECTRICA

Balisas e serra—2.

Juoy

ANTIGA

Ao CLETO BARRETO

O Pintor americano—2

Pespegou bem no «Albegão»—1

(Que doeu-lhe quasi um anno)

Um tremendo belliscão!

G. de Bruxellas

INVERTIDA

(POR LETTRAS)

Um animal na cidade—2

Tupy

PARAGOGICA

2—A feiticeira é maliciosa—3

Adnon

TELEPHONICA

Dlin, dlin, dlin.

—Quem fala?—3

—Zoroastro.

—Que desejas?

Si falares com o Godo—1

diz-lhe que aquelle

celebre namorado

levou de taboa.

G. de Bruxellas

ART-NOUVEAU (*)

.. G

D

... E

.. B

. R

..... U ..

... X ..

... E ...

.. L ..

... L ...

. A

.. S

Flores.

Urgél

ENIGMAS

Trouxe um monte de lenha da fre-
guezia.

Achei um anel na ilha.

Abegão

LAR

Amigo Becker,
P'ra descansar,
Senta-te aqui,
Vamos jogar.

Plutão

(*) Cada ponto representa uma letra.

Essa mulher fez a lei contra o adul-
terio.

Vi um animal perspicaz.

Marajó

115001

Boato.

72501

Silvo.

54

Gritaria.

Gad

LOGOGRIPHO
POR LETTRAS

Ao NEOPHYTO

Ai! que dor, que dor tão forte!

Disse o homem semimorto; 9, 12, 1, 7, 4, 5

Já estou vendo até a morte, 8, 2, 4, 6, 2

Chame alguém, quero contorto.

Ai! ai! ai! minha cabeça! 6, 9, 5, 11, 10(*)

A cabeça está doendo; 3, 7, 8, 9, 10, 11, 7, 10

Esta gente que appareça,

Pois estou quasi morrendo.

N'isto entrou um curador

P'ra cabeça examinar; 3, 10, 6, 9, 12, 11, 10

Quando a viu poz-se a gritar; 3, 11, 10, 1, 10, 4

Que cabeça enorme! horror!!

G. de Bruxellas

DECIFRAÇÕES

As do n. 17: Marasquino, Mangona, Savonarola, Turari, Proeiro, Remoto, Milococo, Altino, Prodigio, Grapa, Louro, Lupa, Loto, Lucas, Ragusa, Praticavel, Irene, Monha, Olaia, Gandara, Enos, Bruxellas, Nero, Manchua e Quiriri.

Decifraram: Senhorita Celia, 24; srs. Ottirb, 24; Adnon e G. de Bruxellas, 22.

CONCURSO DE AGOSTO

Em vista de não nos ter sido enviada a verdadeira solução (*septometro*) da charada de desempate, offerecemos a seguinte, com o mesmo fim:

A aldeia de França é villa da Allemanha—1, 2.

A decifração deve ser entregue ao sr. Dentice Junior, prevalecendo a recebida em primeiro lugar se combinar com a do autor.

NOTAS

Pedimos aos srs. charadistas o obsequio de, quando nos enviar as decifrações dos *logogriphos normandos* juntar as suas respectivas decifrações parciaes.

Continúa a disposição dos srs. charadistas o logogripho, cuja decifração é uma phrase latina, publicado no nosso n. 8. O autor offerece um romance ao primeiro decifrador.

Caloiro

(*) Dice. J. Roquette.